

POLI NIZAR

POLINIZANDO NOTÍCIAS

Em homenagem a

Marielle Franco – Gustavo do Amaral dos Santos – Miguel Otávio S
João Pedro Matos Pinto – Ágatha Vitória Sales Felix – Jenifer Silene
Kawan Peixoto – George Floyd – Merci Mack – Ketellen de Oliveira
Tatiana Hall – Brayla Stone – Kauã Rozário – Dominique Fells – Kau
uê Ribeiro dos Santos – Riah Milton – Elijah McClain – Breonna Taylor
Pedro Gonzaga – Ana Carolina de Souza Neves – Marcos Vinícius – David Nascimento – Rodrigo Cerqueira – Marielle Franco – Gustavo do Amaral dos Santos – Miguel Otávio Santana – João Pedro Matos Pinto – Ágatha Vitória Sales Felix – Jenifer Silene – Kawan Peixoto – George Floyd – Merci Mack – Ketellen de Oliveira – Tatiana Hall – Brayla Stone – Kauã Rozário – Dominique Fells – Kauê Ribeiro dos Santos – Riah Milton – Elijah McClain – Breonna Taylor – Pedro Gonzaga – Ana Carolina de Souza Neves – Marcos Vinícius

e a muitos outros que foram vítimas
do racismo praticado por tantos.

**Não se cale perante o preconceito.
Ser conivente com o racismo é ser racista.**

#PROTESTOS

#polinize NOTÍCIA

Por Arthur Anversa, Bruno Bertoldo e Pedro Albino

Protestos contra o racismo surgem em vários países

Protestos aconteceram pela morte de um homem negro durante uma abordagem policial

Durante uma abordagem policial por uma denúncia de utilização de dinheiro falso, no dia 25 de maio de 2020, na cidade de Minneapolis, Minnesota, Estados Unidos, George Floyd acabou sendo morto por um policial que o sufocou durante mais de oito minutos. Tais cenas foram gravadas por celulares de vários espectadores. Enquanto era sufocado, o homem negro implorou que não o matasse e falou que não conseguia respirar, tal frase "I Can't Breathe!" foi muito utilizada nas manifestações.

Essa morte gerou, em todo mundo, uma série de manifestações que buscaram lutar por uma sociedade na qual não haja discriminação por causa das diferentes tonalidades das peles das pessoas. Os protestos tiveram origem nos Estados Unidos e rapidamente se espalharam para países da Europa e até mesmo o Brasil. Os protestos foram pacíficos e sem violência, entretanto, no mesmo dia, mais à noite, um número menor de pessoas, que pertencem a grupos mais radicais, saíram para a rua vandalizando e saqueando lojas e prédios.



Protestos no Brooklyn, na cidade de Nova York
Fonte: New York Times

Os manifestantes utilizaram em cartazes a frase "Black lives matter" (em tradução livre "vidas negras importam"). Essa frase é relacionada a um movimento ativista internacional, que surgiu no ano de 2013 pelas norte-americanas: Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi. Teve origem nos Estados unidos e o motivo era a luta contra a violência direcionada às pessoas negras.



Manifestações na cidade de Filadélfia, Pensilvânia
Fonte: New York Times

Os protestos também aconteceram na Europa, principalmente nas maiores cidades. Na cidade de Londres, manifestantes da extrema-direita foram às ruas para confrontar os protestantes antirracistas. Os líderes da extrema-direita justificaram o confronto. Segundo eles, os antirracistas estavam destruindo estátuas de personalidades e figuras históricas racistas, e isso se caracterizava em depredação ao patrimônio público. Em Paris, onde também ocorreram protestos, um dos banners carregados pela multidão na *Place de la République* dizia: "Espero não ser morto por ser negro hoje". Outro carregava uma mensagem para o governo: "Se você semeia injustiça, colhe uma revolta".



Os protestos se espalharam pelo mundo, na foto em Londres, Reino Unido – Fonte: BBC

Tais protestos também aconteceram no território brasileiro nas cidades de São Paulo, Brasília e várias outras. Os manifestantes saíram às ruas para cobrar o fim da violência racista, levantar bandeiras antifascistas e defender a democracia brasileira. Em um carro de som, as lideranças negras cobravam o engajamento de brancos para salvar "vidas pretas". Em coletivo, diversas pessoas gritaram os nomes de inocentes assassinados, desde João Pedro, morto em São Gonçalo, até a vereadora Marielle Franco, morta há dois anos e meio.



Em São Paulo, também ocorreram protestos
Fonte: El País

#polinize OPINIÃO

Por Helena Hatschbach

Repense seu modo de pensar. Vidas negras importam

Acho que há uma contradição na frase “somos todos iguais”. Pelo contrário, todos somos diferentes. Isso é o que constitui a riqueza de características culturais da sociedade e deve ser visto com naturalidade. Entendo que a frase foca na questão do respeito, mas, em outro ponto de vista, parece que insinua que devemos ignorar nossas diferenças. No que isso é favorável? Quem se iguala a quem nessa frase, os negros se igualam aos brancos? E em que sentido: historicamente, economicamente ou socialmente? Para todas as alternativas da pergunta anterior, a resposta é negativa. Além disso, alguns grupos sociais tiveram mais oportunidades que outros ao longo da história. Para que a igualdade de oportunidades algum dia seja equivalente entre negros e brancos, algumas coisas precisam mudar hoje. E, para isso, é preciso entender que igualdade é diferente de equidade: com igualdade, as oportunidades são as mesmas; com equidade, as oportunidades são adequadas para se tornarem justas a todos.

A escravidão se fez presente em muitos países ao longo da história, inclusive no Brasil. No século XV, quando os portugueses descobriram que na África havia o comércio de escravos e, considerando que estavam desbravando terras e instituindo colônias, fizeram uso da mão de obra escravizada. O território brasileiro foi palco da escravidão durante séculos e o costume europeu de inferiorizar a raça negra tornou-se uma das culturas americanas mais difíceis de extinguir. Racismo, preconceito, discriminação e desigualdade são alguns dos termos mais utilizados atualmente e representam muito bem o que a sociedade brasileira negra enfrenta, mesmo após a abolição da escravatura, em 1888.

Essa situação, porém, não é exclusiva do nosso país. Os acontecimentos que se passaram no final do mês de maio nos Estados Unidos, seguidos de protestos e manifestações antirracistas após policiais brancos assassinarem George Floyd, um homem negro, ganharam força por todo o mundo e chegaram até nós. Ainda nos dias de hoje, diversos negros são mortos sem que realmente haja um motivo, ou melhor, são mortos simplesmente porque são negros.

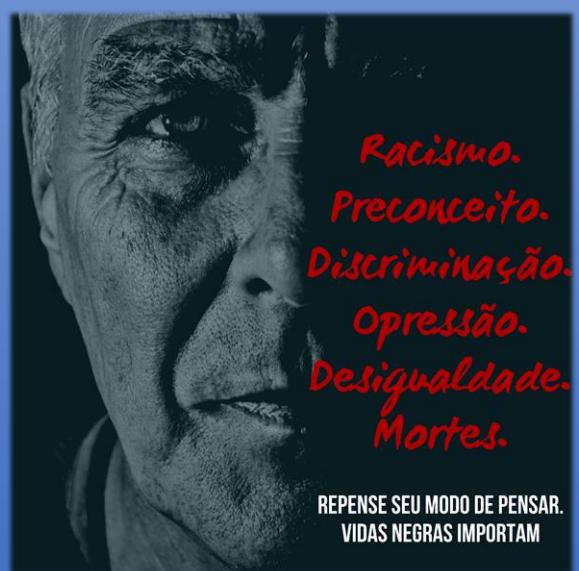
Todas as pessoas possuem cabelos e olhos de cores diferentes, características distintas, e não são pré-julgadas por essas razões. Então, por que a cor da pele define caráter, intenções ou o modo como alguém deve ser tratado? Existem diversos exemplos de personalidades brasileiras negras que, com certeza, fizeram história lutando contra a opressão branca e destacaram-se entre alguns dos maiores nomes desse país, como Zumbi dos Palmares, Machado de Assis, Aleijadinho, Pelé, Joaquim Barbosa e Glória Maria. São exemplos, também, as cientistas brasileiras Enedina Alves (primeira mulher negra a concluir o curso superior

de engenharia no Brasil) e Sonia Guimarães (primeira negra brasileira doutora em Física, pela University of Manchester Institute of Science and Technology, na Inglaterra, que compõe o corpo docente do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA)).

Já ouvi isto muitas vezes: o que faz o branco atravessar a rua ao avistar um negro? Voltando ao ponto do pensamento equivocado quanto à índole de uma pessoa negra apenas pela sua aparência: por que julgar os atos de alguém que não tenha feito nada? Isso está ligado a outro ponto que não está nas mãos deles: a ideia de que negros são de uma raça inferior, pois serviram de escravos, parece ainda permanecer viva. Além disso, as condições socioeconômicas e trabalhistas dos negros são precárias! A metade da população brasileira é composta por negros. Muitos deles vivem em favelas, onde a violência é constante. Esse fator de relação entre negros e a vida criminal só se dá por essa razão. Mas é preciso que a sociedade entenda que não estão lá porque simplesmente querem. Estão lá, porque não tiveram as oportunidades de estudo e trabalho que deveriam. Os filmes, novelas e séries televisivas brasileiras retratam constantemente a realidade nas favelas, caracterizada pela pobreza. Portanto, o fato de terem a pele de outra cor não os torna inferiores, mas a situação que enfrentam faz com que a mudança demore a chegar.

O racismo pode acabar se nos esforçarmos para isso. As crianças brancas não nascem racistas, elas aprendem a agir dessa forma ao longo da vida. Segundo Nelson Mandela, negro e ex-presidente da África do Sul, “ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Repense. A vida de alguém vale mais do que um julgamento pela sua superfície.



#polinize OPINIÃO

Por Eduarda Saab e Lísa Fighera

**Semeando sonhos,
colhendo o futuro**

Desde o princípio da história do cinema, com a invenção do cinematógrafo em meados do século XIX, em um mundo no qual o poder estava concentrado nas mãos dos homens brancos é possível notar muito presente a discriminação racial. Mesmo não estando explícita, há uma grande discrepância salarial e de oportunidades quando comparando pessoas negras de brancas dentro da indústria cinematográfica. Tal discrepancia resulta em uma falta de representatividade negra que afeta negativamente crianças e jovens de pele preta, os quais têm sua autoestima abalada por dificilmente se enxergarem em contextos positivos, tanto em filmes quanto na mídia em geral.

Essa desigualdade é um fato comprovado estatisticamente. É possível provar por meio de uma pesquisa realizada pela Universidade de Southern, na Califórnia, a qual mostrou que entre as 100 maiores bilheterias dos cinemas no ano de 2016, apenas 13,6% de seus atores eram negros. Lamentavelmente, essa falta de representatividade, além de contribuir para a desigualdade, acaba gerando um significativo e negativo impacto na vida de jovens negros.

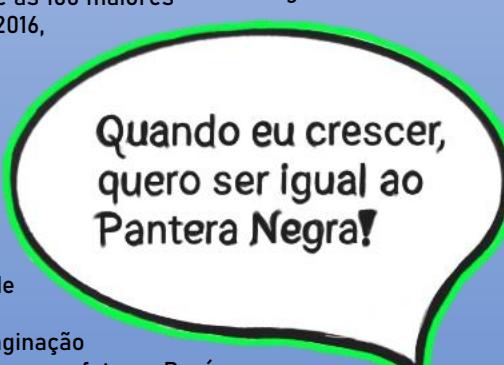
Durante a infância, as crianças são rodeadas por contos de fadas de princesas e super-heróis. Essas histórias lúdicas exercitam sua imaginação e tornam-se fonte de inspiração para o futuro. Porém, como é possível que um jovem negro se sinta representado quando a maior parte dos atores de pele preta, apenas são apresentados como ladrões e assassinos? Como ele deve se sentir ao pensar que, se a sua cor não é tratada com igualdade nem dentro da indústria cinematográfica, como será no mundo real, onde pessoas são julgadas pela tonalidade de pele?

Essa falta de representatividade não se limita ao cinema. Um estudo publicado pela editora *Sage Journals*, no qual 396 jovens foram entrevistados, crianças negras de ambos os sexos alegaram passar a ter uma imagem mais negativa sobre si após serem expostas a programas de televisão. Isso ocorre principalmente por causa do padrão de beleza branco, com traços finos e de cabelos lisos. Infelizmente, isso abala a autoestima e confiança de jovens e crianças negras, que não se sentem representados dentro do padrão “belo”.

Felizmente, tudo isso tem mudado ao longo do tempo. Romper barreiras e padrões tradicionais tem sido uma característica marcante das últimas gerações, as quais mostram cada vez mais a empatia e evolução, abrindo

espaço para a igualdade e demais etnias que antes não se sentiam representadas. É possível citar o caso de Renato Siqueira de Castro de 15 anos, que, em uma entrevista publicada pelo jornal Extra Globo, contou que, inspirado pelo herói Pantera Negra, da Marvel, voltou a estudar. Ele disse: “Pensei nisso quando vi o Pantera Negra ter que virar rei depois que o pai morreu. Ele achou que não ia conseguir. Mas ele tinha estudo e conseguiu”.

Após muitos anos de luta, aos poucos a igualdade tem adquirido seu espaço. Mesmo com muitas alterações ainda a serem feitas, todos os pequenos feitos são motivos de comemoração, pois representam um passo a menos para se adquirir a tão sonhada equidade étnica e racial. A mudança deve começar em nós, para que consigamos diminuir as diferenças e construir um mundo melhor, para dar oportunidades iguais a todos, independentemente de raça, crença, gênero e sexualidade. É semeando sonhos, como o Renato Siqueira de Castro, que colheremos um futuro de mais igualdade e amor.



**Quando eu crescer,
quero ser igual ao
Pantera Negra!**

*Renato Siqueira de
Castro, 15 anos*



Saab

#polinize REPORTAGEM + INFOGRÁFICO

Reportagem por Liriel Portugal e Pedro Gonçalves

Infográfico por Bernardo Paulus e Guilherme Brizzi

Racismo estrutural

O racismo em si é um sistema doutrinário que estabelece a exaltação de uma raça entre as outras. É um processo que afirma a superioridade de um grupo racial entre os demais. Racismo é crime e qualquer tipo de preconceito baseado na ideia da existência de superioridade de raça, manifestações de ódio, aversão e discriminação que difundem segregação, coação, agressão, intimidação, difamação ou exposição de pessoa ou grupo está qualificado por Lei, passível de punição como violação dos Direitos Humanos.

Já o racismo estrutural que por muito tempo era dado como inexistente é o conjunto de hábitos, práticas, falas e situações que estão embutidas no nosso cotidiano e que podem "indiretamente" se tornar preconceito. Esse tipo de racismo tende a ser ainda mais perigoso, pelo fato de estar enraizado na nossa sociedade, o que se torna mais difícil de percebê-lo. Alguns exemplos estão no nosso vocabulário quando usamos palavras como "denegrir" ou chamamos um cabelo crespo de "bombril" ou "cabelo ruim".

O Racismo estrutural se origina com a escravidão

O período da escravidão durou aproximadamente 300 anos, para ser mais exato entre os anos de 1550 e 1888. Ao longo desse período as pessoas escravizadas foram obrigadas a um duro regime de violências, castigos crueis e trabalhos forçados. Eles eram capturados nas terras onde viviam na África e trazidos contra sua vontade para a América, em grandes navios, em condições miseráveis e desumanas. Muitos morriam durante a viagem através do oceano Atlântico, vítimas de doenças, de maus tratos e da fome. Porém, mesmo com o fim da escravidão, em 1888, a população negra não teve direitos e nem oportunidades de se inserir na sociedade.

E por muito tempo permaneceram sem acesso à terra, educação e trabalho.

2º ato oficial de lei complementar à constituição de 1824

Proibiam os negros de frequentar as escolas, pois eram considerados "doentes de moléstias contagiosas". Devido a falta de oportunidades para os negros após a Lei Áurea com a idéia de libertação, ficaram jogados à própria sorte e por isso levou essa população a criminalidade.

Diversos imigrantes europeus receberam do Estado brasileiro terras e benefícios para que se instalassem no país. Os negros, que já estavam no território brasileiro, não receberam nem parte desses privilégios. Durante esse período de exclusão, permitiram que as próprias estruturas de funcionamento da sociedade proporcionaram a continuidade do racismo e cada vez mais tentando manter o povo negro nas "margens" da sociedade como se fossem algo inferior. Como consequência desses anos de exclusão, a população negra no Brasil apresenta mais dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, oportunidades de estudo e qualificação profissional. Por outro lado, os negros no Brasil são as maiores vítimas de homicídio, feminicídio, violência e analfabetismo.

Revelando o Racismo Estrutural na nossa sociedade

O racismo estrutural sem dúvida não deixou de existir. No infográfico abaixo estão presentes estatísticas sobre a desigualdade racial no Brasil, revelando a gravidade que esse problema ainda representa em muitos âmbitos de nossa sociedade:



ECONOMIA

REND

A renda média entre pessoas brancas é R\$ 2814, já para pessoas pardas é R\$ 1606 e para negros é R\$ 1570



POBREZA

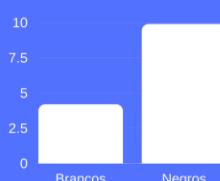
Entre os 10% mais pobres do Brasil, 75% são pardos ou negros



ESCOLARIDADE

TAXA DE ANALFABETISMO

A taxa de **analfabetismo** entre negros é mais do que o **dobro** da taxa entre brancos no Brasil



CRIME



A cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras

ENSINO SUPERIOR

Apenas 9,3% dos negros com 25 anos ou mais têm ensino superior, comparado a 22,9% dos brancos



76%

das **mortes** causadas pela **policia** são de pessoas negras

#polinize ENTREVISTA

Por Leon Gonçalves e Manoela Gomes

Entrevista com Maria Rita Py Dutra

A professora e pós-doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Maria participou de uma entrevista no dia 6 de julho de 2020 com os alunos do Ensino Médio do Colégio Politécnico da UFSM

Maria Rita é irmã gêmea, seus pais eram analfabetos, mas fizeram de tudo para dar uma boa criação e criar as crianças com muito amor. Maria Rita teve duas filhas, foi viúva muito cedo e recentemente fez Doutorado pela UFSM. É professora aposentada e escritora dos livros: O Aniversário de Aziza, Dia dos Negros, A Turma de Layla, O Sonho de Jamila, Zeca, um Herói Negro e o Sonho de Ayo. Participa de diversas causas sociais e coletivos negros de Santa Maria e da UFSM.

A entrevista a seguir foi feita a partir de questionamentos que os alunos Manoela Freitas Gomes e Leon Gonçalves de Jesus possuíam em relação ao posicionamento de Maria Rita sobre temas raciais dentro da UFSM.

Leon G: Como nós, estudantes do Ensino Médio (EM) podemos ser mais atuantes e ajudar na luta contra o racismo?

- Participando de grupos. Primeiro lugar tem que conhecer, ter conhecimento [...]
- O que falta em Santa Maria seria um espaço, que seria o Museu Treze de Maio.
- Acho que nesse momento atual da história é momento de nos darmos as mãos, a gente vai ter que dar as mãos. A gente vai ter que dar as mãos porque acho que do jeito que está ninguém mais vai vencer sozinho.
- Tem espaço, tem que ver o que se gosta de fazer e como a gente pode contribuir.

Manoela F: Qual seria a maneira adequada de fazer com que os alunos de escola pública, de baixa renda se adaptem melhor ao campus?

- A gente tem que pensar o que está acontecendo para o estudante não se sentir integrado.
- Eles sentem uma rejeição, eles sentem que são maltratados por alguns professores e eles sentem que são maltratados por alguns colegas de acordo com o curso.

— Eu acho assim, a primeira coisa que a gente tem que fazer é se juntar. [...]

— E a gente não pode pensar que nós estamos ali só competindo para ganhar nota não! O professor também tem que ter paciência para o estudante que está chegando. Não é fácil, no início não é fácil para ninguém, mas tem que pensar assim: o que a gente quer? O que a gente está querendo na UFSM? É isso que tem que levar.

— Tu tem que conversar em casa, com a tua família, tu tem que conversar [...] mas uma coisa mais íntima pra tu te fortaleceres [...] tem que se organizar, tem que se unirem, a gente se une em coletivos.

Maria Rita com certeza é uma mulher guerreira e batalhadora que luta todos os dias contra o racismo e promove formas para combatê-lo. Os seus livros, as suas lutas e palavras ficarão para sempre gravados e escritas no livro de história de quem ajudou este país a dar mais um passo para a igualdade social.

Sua entrevista é de grande importância para os dias de hoje, dias de medo, mas também de resistência por ter a pele preta. A representatividade é essencial, que sejamos e tenhamos mais Marias Ritas pelo mundo.

Mas as entrevistas não terminam por aqui!

Além de várias perguntas feitas a Maria Rita Py Dutra, os estudantes também realizaram uma entrevista com Luiz Eduardo Boneti, estudante do curso de Direito e membro do Diretório Central dos Estudantes (DCE/UFSM)



Tudo isso pode ser lido no nosso site!

Acesse todas as perguntas e respostas dessa entrevista e da entrevista com Luiz Eduardo Boneti no link abaixo:

sites.google.com/view/polinizar-entrevista



Ou via QR Code:

#RACISMO HISTÓRICO

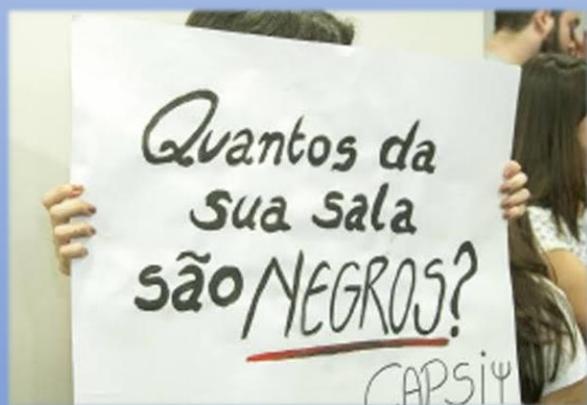
#polinize OPINIÃO

Por Bianca Azeredo, Bruno Rocha e Rafaella Ferreira

Cotas Raciais no Brasil

A busca pela igualdade escolar, uma luta diária de diversos brasileiros

Muito se debate sobre o sistema de cotas raciais no Brasil, que se trata da reserva de vagas no meio educacional para os negros, pardos e indígenas. Essa reserva de vagas tem por intuito corrigir e reparar a grande e aparente desigualdade no sistema educacional brasileiro.



Estudante segura cartaz questionando "Quantos da sua sala são negros?" – Imagem disponível em:
<https://bit.ly/3iW7RM6>

Desde a chegada dos europeus, nossos "colonizadores", sabe-se de que os mesmos sempre trataram nativos e negros como inferiores e subordinados. Com isso, estabeleceu-se um pensamento padrão na sociedade brasileira, colocando os negros, pardos e indígenas em uma situação crítica, pois até hoje possuem dificuldades, por conta de sua cor de pele, em ingressar no meio educacional, direito de todo e qualquer cidadão. A partir desses fatos, a UnB - Universidade de Brasília - em 2004, foi a primeira instituição a adotar o sistema de cotas raciais. Mas somente em 2012 foi promulgada a Lei nº 12.711, que visa a reserva da metade das vagas das instituições de ensino superior federais para estudantes oriundos de escolas públicas, porém a distribuição também leva em conta critérios sociais e raciais, que somam aproximadamente um quarto das vagas.

Em virtude da criação desse regulamento e das batalhas de cada indivíduo, houve um aumento na representatividade e no reconhecimento das lutas sociais. Há também uma maior taxa de negros, pardos e indígenas com ensino superior. Contudo, ainda é possível perceber que isso não basta para corrigir um sistema opressor que mata e tira a oportunidade de diversas vidas.



Ilustração representando a desigualdade racial e social na sociedade. Imagem disponível em:
<https://bit.ly/2YaALQ>

Uma possível forma de minimizar essa problemática seria o investimento do governo em escolas públicas, para que, assim, a discrepância entre o ensino privado e o ensino público seja diminuída. Poderia ser feito, pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), um projeto que visa a ajudar o aluno a estudar de uma forma mais lúdica, inserindo maneiras de aprendizado por meio de outras áreas do conhecimento, mais divertidas aos olhos dos estudantes. Seria viável também fazer uma fusão entre áreas do ensino e atividades extracurriculares de forma que o estudante escolha, de acordo com seu perfil e o que mais lhe interessa. Com isso ele pode transformar o que é muitas vezes tachado de chato e exaustivo em algo prazeroso para se fazer inclusive no tempo livre. Essas seriam algumas das soluções para suprir a necessidade das cotas, além de dar as mesmas oportunidades para pretos, pardos e indígenas.



Mais investimento na educação pública e novas dinâmicas de sala de aula poderiam ajudar a mitigar essa problemática – Imagem retirada de "O Globo".

#polinize LISTA

Por Bibiana Flôres Vogel

10 expressões racistas presentes em nosso cotidiano que devem ser urgentemente abolidas do vocabulário

O racismo é algo incrustado na sociedade e afeta diariamente as vidas das pessoas pretas e pardas, que, no Brasil, ultrapassam os 55% da população total. As expressões a seguir são repetidas desde a vinda dos primeiros navios negreiros ao país e foram perdendo ou modificando seus significados iniciais, mas mantiveram sua origem: o racismo.

1. Lápis cor de pele

É ensinado para as crianças que o lápis rosado é a "cor da pele", dando a entender que só o branco tem a cor certa da tez.

2. Mulata

Mulata era considerada a filha indesejada de um branco com uma preta e vem da palavra "mula", a híbrida cria da crua entre um cavalo ou égua com um jumento ou jumenta.

3. Cor do pecado

Faz referência à sexualização da mulher preta, comparando-a a algo considerado ruim pela sociedade.

4. Moreno(a), pessoa de cor

Pessoas racistas acreditam que chamar alguém de "negro" ou "preto" é ofensivo e para esbranquiçar a pessoa com a intensão de "amenizar" o "incômodo", use-se termos como "moreno (a)".

5. Cabelo ruim

O padrão de beleza baseado principalmente em traços europeus fixa que a mulher deve ter cabelo loiro e liso. Assim, taxou-se o cabelo afro de ruim, duro, Bombril, carapinha e entre outros termos, depreciando esse traço genético e abalando a autoestima das mulheres pretas. Notícia ilustrativa disponível em: <https://bit.ly/3256s0k>

6. Denegrir

Denegrir é sinônimo de difamar, depreciar. Em sua raiz, a palavra significa "tornar negro", ou seja, ao utilizar esse terno, diz-se que qualquer coisa negra é ruim.

7. Feito nas coxas

Na época da escravidão, as telhas eram feitas de argila e moldadas nas coxas dos escravos. Como cada escravo tinha um tamanho diferente, o trabalho não ficava padronizado, portanto, a expressão indica um trabalho malfeito. Destarte é racista.

8. Mercado negro, lista negra, magia negra, ovelha negra, entre outros

A palavra "negro(a)" associada a coisas ruins desfavorece as pessoas pretas, pois o termo também se refere a elas. Por esse e outros motivos, muitas vezes o indivíduo prefere ser chamado de "preto(a)" do que "negro(a)".

9. Doméstica

Vem do termo "domesticar", como se os escravos fossem "selvagens" que necessitam adestramento e doutrinação.

10. Meia tigela

Atualmente, significa algo malfeito, sem capricho e sua origem vem da punição dada a um escravo que não alcançava a meta proposta pelo senhorio nas minas de ouro, que recebiam apenas meia tigela de comida por seu trabalho.

#LUTA ANTIRRACISTA

#polinize LISTA

Por Geovanna Trautwein

Como pessoas brancas podem ajudar na luta antirracista?

1. Entenda que o racismo não é uma invenção de pessoas negras e nem frescura, é obrigação. todos participarem na luta antirracista. Busque conhecimento sobre o assunto, isso não começou nos dias de hoje.
2. Todas as pessoas que convivem com você já têm consciência do que é racismo e do genocídio da população negra? Fale com seus amigos, familiares, colegas de trabalho, pessoas do seu convívio sobre racismo.

3. Não naturalize falas racistas, mesmo que lhe coloque em uma situação desconfortável.

4. Não fique alienado. As mídias tradicionais não são suficientes para acompanhar notícias da população negra, há diversas mídias alternativas que têm como foco a juventude negra e periférica.

5. Enebreça suas referências. Leia livros escritos por pessoas negras, divulgue pessoas negras e suas conquistas (não só violência), veja filmes dirigidos e protagonizados por pessoas negras.

6. Comece a questionar a falta de pessoas negras em posição de poder, escolas e universidades ao seu redor, questione a falta de representatividade de negros o tempo todo.

7. Reconheça seus privilégios. Utilize-os para amplificar vozes, projetos, iniciativas, pessoas negras.

8. Por fim, fazer tudo isso e entender que é o mínimo para ser uma pessoa antirracista.

#EDUCAÇÃO

#polinize COMENTÁRIO

Por Gabriela Ferreira, Gabrielle Gomes e Julia Rodrigues

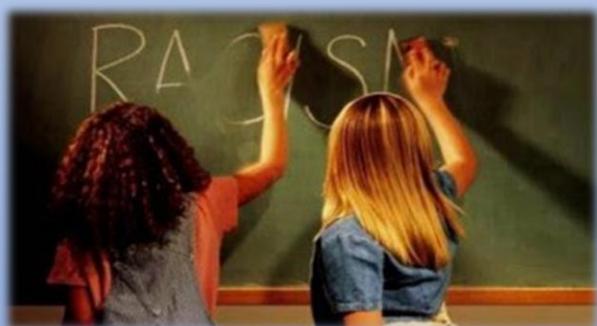
Racismo nas escolas

No Brasil, o racismo é um dos principais problemas sociais originado pela desigualdade econômica entre negros e brancos. O Racismo Institucional é o tratamento diferenciado entre raças dentro de organizações, empresas, grupos, associações e escolas.

O racismo nas escolas se origina a partir de piadas, apelidos, brincadeiras que envolvem a raça de determinada pessoa e que, muitas vezes, não são levados a sério. Essas "brincadeiras" continuam ao longo do ano, causando sérios problemas às crianças e aos adolescentes, como revolta psicológica, sentimento de inferioridade social e baixa autoestima.

Combater o racismo nas escolas pode não ser algo fácil, mas se as escolas criarem campanhas contra o

racismo, alertando sobre o crime que é cometê-lo, acreditamos que assim alunos com atitudes racistas não mais farão o uso dessas com receio de punição. Portanto, o racismo não é algo que se exclui de imediato, já que este habita na mente das pessoas.



Duas meninas apagam a palavra "racismo" de um quadro. Disponível em: bit.ly/2Y5RGY0

#INFÂNCIA

#polinize POESIA

Por Rafaela Lima, Sarah Busanelo e Vitória Cancian

Racismo na infância

Lembro da minha infância,
Tempo em que a inocência e pureza reinavam em nossas intenções
Sem dar espaço à soberba e ao egoísmo.

Nascemos todos iguais,
Mas parece que quando deixamos de ser crianças
Esquecemos disso.

Não nascemos preconceituosos,
A sociedade é quem nos torna.
Mas ainda há tempo de aprendermos sobre respeito.
Ao ensinarmos as crianças que tudo bem tratar os outros com ódio,
Estamos causando o sofrimento de muitas outras pessoas no futuro.

#DISCRIMINAÇÃO

#polinize POESIA

Eterno Navio Negreiro

Por Pedro Henrique Pinton

Senhor Candidato dos Desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Candidato!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante vossos olhos improvidentes?!
Ó político, por que não apagas
Com as riquezas vagas de vossos bolsos
De vosso traje bem-posto,
Este horror injusto?
Preconceitos! Injúrias! Crueldade!
Deixai de vossas realidades,
Varrei da sociedade!

Eviterna e falsa liberdade,
Silenciada vontade por poder,
Ainda hoje... cúmulo de maldade,
Nem são livres para viver,
Presos a mesma engrenagem
- Ao tolo invisível, lúgubre sacanagem -
Nas roscas da atual escravidão.
E assim zombando da morte,
Dançam e riem as autoridades
Ao som do choro do irmão... Irrisão!...

Pele preta

Por Manoela Freitas Gomes

A pele preta é a mais temida
A pele preta é a mais doída
A pele preta é a mais morta

Partimos do princípio para conseguirmos entender o
porquê de chegarmos nesse nível
Fomos vendidos, massacrados, explorados, abusados e
mortos

A cor da nossa pele é uma sentença
A vida é uma resistência
lutamos hoje para fazermos revolução.

A pele preta é a mais temida
A pele preta é a mais doída
A pele preta é a mais morta

Nossa cor não é fonte de dor

Por Gabriel Betim

O que há de errado com a cor da minha pele?
Eles querem ver você se perguntar...
O que há de errado com meu cabelo?
É a mentira do ódio contada, repassada e pronta para flagelar.
Eu te digo, sem hesitar:
Diferenças geram medo
no íntimo daqueles
que não reconhecem a verdade que há em amar.
No fundo
dos que trocam vidas por dinheiro e sempre buscam suas próprias vantagens,
daqueles que procuram autoafirmação no mundo
por meio de preconceitos, covardias e sabotagens.
Estamos todos plantando e colhendo no mesmo solo,
buscando água da mesma fonte, sob a mesma luz solar, seguindo o velho caminho.
O que dizem pode magoá-la,
mas, pelo menos, agora sabe por que tentam derrubá-la
e também sabe que nunca esteve sozinha.
Quando descobrir que o que foi proclamado estava sedado
por ignorância, ganância e intolerância,
saberá que sempre agiu com decência
por não abandonar quem realmente é,
sua história, sua essência
e, principalmente, a sua fé.



Onde está a minha carta de alforria?
Fomos "libertos" anos atrás mas ainda nos aprisionam
As palavras de ódio chegam no nosso âmago mas não são
capazes de nos calarem
Deem risada e nós daremos a volta por cima.

A pele preta é a mais temida
A pele preta é a mais doída
A pele preta é a mais morta

#polinize PODCAST

Por Anna Zeni, Julia Seminoti e Júlia Herberts

Escritores Negros do Brasil

As alunas Anna Clara Zeni, Julia Seminoti e Júlia Herberts produziram um podcast sobre dois escritores negros no Brasil: Machado de Assis e Maria Firmina dos Reis. Você pode ouvi-lo no canal do Youtube do Jornal Polinizar Acesse já com o link abaixo ou via QR code:

youtu.be/KE7h8ACp5PQ



#REPRESENTATIVIDADE

#polinize PESQUISA

Por Maria Augusta Lauthart e Rafaela Couto

Você se sente representado pelas mídias sociais e no meio artístico televisivo?

Com as manifestações do movimento Black Lives Matter - "Vidas Negras Importam"), três perguntas nos vieram em mente sobre a representação da população negra nos ambientes das mídias sociais e artístico televisivo.

Resolvemos, então, fazer uma pesquisa entre os alunos negros do Colégio Politécnico da UFSM. Foram perguntadas a 7 alunos, entre 2 homens e 5 mulheres, de 15 a 18 anos e do 1º ao 3º anos, para saber o que eles acham sobre o assunto. Para isso fizemos as seguintes perguntas:

1) Você se sente bem representado no meio artístico televisivo e mídias sociais?

A maior parte dos entrevistados disse que sim, se sente representado no meio artístico televisivo e que existem muitos artistas bons no ramo, por mais que muitas vezes não lhes seja dado tanto prestígio. Já nas mídias sociais não tanto, pois se vê muito mais pessoas "padrão" (pessoas normalmente brancas, com olhos claros, etc.) do que pessoas negras, mas que podemos notar um crescimento, principalmente entre as mulheres, nas mídias sociais sobre assuntos como empoderamento e aceitação de suas raízes, fazendo assim mais pessoas se orgulharem de seus cabelos e de serem negros, trazendo mais autoestima.

2) Você concorda que as manifestações ajudaram as pessoas a se conscientizar e apoiar mais artistas negros?

Todos os entrevistados disseram que sim, eles acreditam que houve uma conscientização, por mais que tragédias como as mortes de George Floyd, João Pedro, Breonna Taylor e muitas outras, tenham ocorrido para a população finalmente "acordar". Eles disseram também que viram um apoio maior aos artistas negros, mesmo que muitas vezes esse apoio tenha sido dado para autopromoção e que esperam que esse apoio e conscientização não sejam apenas momentâneos.

3) Você acha que, com tudo o que o mundo passou nos últimos tempos, ajudou as pessoas a procurarem/informarem-se mais sobre racismo? E você acredita que há necessidade de mais representação?

Os entrevistados mais uma vez concordaram entre si e disseram que sim, houve uma procura maior sobre o tema, mas que não adianta nada somente pesquisar e não botar em prática o que aprendeu, assim sendo conivente com atitudes racistas no seu dia a dia ao invés de ser antirracista. Eles também concordaram que há sim a necessidade de uma maior representação da população negra, não só no meio artístico e de mídias sociais, mas também nas universidades e cargos de alta patente em empresas, assim como mais oportunidades de emprego. Acham que essa necessidade está fazendo com que as pessoas cada vez mais se manifestem em prol da igualdade e de uma sociedade antirracista.

ENTREVISTADOS QUE CONCORDAM



#ARTE NEGRA

#polinize RESENHA

Por Heloísa Zanon e José Eduardo Rigo

Arte Negra e Antirracista

A música é e sempre foi um meio de manifestação de sentimentos, crenças e ideais. Contanto, a indústria *mainstream* tem a tendência de não perpetuar as vozes negras e sua produção musical. Dessa maneira, são apresentados e recomendados dois artistas e seus trabalhos para uma maior conhecimento do público leitor do Polinizar.

The Archandroid

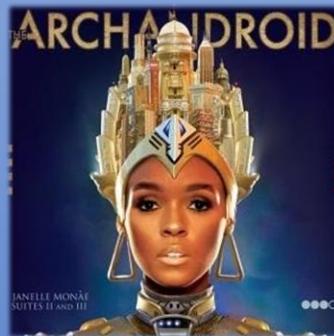
O álbum *The Archandroid*, de Janelle Monáe, completa 10 anos de lançamento em 2020. O *Long Play* estrutura a história ficional de Cindi Mayweather, uma android de 2719 d.C., moradora de Metropolis, e de Janelle Monáe, a própria cantora, no sanatório *Palace of The Dogs*.

Janelle, anteriormente, habitava a cidade de Metropolis até o incidente de seu sequestro. A humana teve seus genes clonados e leiloados clandestinamente para a produção de androides (o mesmo modelo de Cindi), e, depois, transportada para o século XXI, vista como louca e internada.

Os androides são considerados, nesse futuro, como robôs com similaridade psicológica idêntica aos humanos, mas, por não serem humanos propriamente, são discriminados e postos como os mais inferiores na hierarquia.

A temática do álbum tem por função dialogar sobre preconceito, racismo, revoluções e arte. Para isso, a compositora cria a emblemática da história: a paixão de Cindi por um humano, Anthony Greendown, algo proibido na sociedade autoritária e opressiva. A revolta, assim, nasce. Dessa maneira, Janelle e Cindi, por serem geneticamente a mesma pessoa, conseguem se comunicar mentalmente, e Janelle passa a exercer a função de compor e produzir os álbuns sobre a história de Cindi Mayweather (*Metropolis EP*, *The Archandroid* e *The Electric Lady*). Os álbuns passam a ser lançados também no futuro de 2719 e incitam a revolução dos androides.

Essa obra-prima de Janelle Monáe, rica em detalhes, se torna mais encantadora no momento que toca seus ouvidos. A artista uniu pop, r&b e funk sonoramente muito bem. Assim, Janelle mostra seu ativismo e posicionamento pela luta negra ao não só associar os androides aos negros, mas também ao homenagear suas raízes com gêneros musicais fundados por negros. Sua



Capa do álbum – fonte
<https://bit.ly/34X0lHo>

complexidade é intrigante e, ao mesmo tempo, convidativa para ser entendida por quem irá apreciá-la. Em tempos de discussão racial, esse álbum mostra-se necessário para a reflexão sobre os negros na sociedade, sendo, então, totalmente recomendado.

"Além de apresentar músicas, quero propor pautas"

- Thiago Elniño, artista brasileiro que relata em versos e melodias a dura realidade que negros brasileiros enfrentam diariamente

Thiago Miranda ou, como diz seu nome artístico 'Thiago Elniño', é um brasileiro nascido em Volta Redonda (Rio de Janeiro). Envolvido com música desde adolescente, seu nome artístico veio da simbologia da alteração de temperamento drástica do cantor, hora calmo, hora extremamente agressivo, no palco, quando ainda participava de batalhas de MCs.



Foto do artista Thiago Elniño – Fonte: <https://bit.ly/3jxvafI>

A carreira do músico tem influencia dos gêneros rap e hip-hop, com letras fortes e viscerais que tratam a importância e a realidade do artista negro: 'A Rotina do Pombinho', álbum de 2018, no qual o artista faz uma analogia entre os moradores da periferia e pombos, é seu trabalho mais reconhecido.

'Pedras, Flechas, Lanças, Espadas e Espelhos' é o álbum mais recente do artista, o qual recomendamos a todos ouvirem.

Em seu segundo álbum de estúdio, Thiago representa a jornada do homem negro que quer o direito de continuar sonhando e faz uma linda ponte sonora entre sua ancestralidade e a espiritualidade africana.

"O disco também é espaço de luta e fé, com a relação à umbanda, ao candomblé, pois evoca uma energia e uma arma dos orixás, além de uma linguagem diferente" – explica Elniño, em relação ao título do álbum.

Em tempos difíceis, nos quais a violência racial gera revoltas, pessoas negras são mortas a cada 23 minutos, artistas como Elniño e Janelle são de extrema importância. Então, ouçam suas vozes!

Por Maria Augusta Lauthart

Racismo e preconceito na indústria do Kpop

Kpop é um estilo musical que surgiu na Coreia do Sul, no ano de 1990. O termos Kpop é uma forma para descrever a moderna música pop sul-coreana, que abrange estilos e gêneros incorporados do ocidente como pop, rock, jazz, hip hop, R&B, reggae, folk, country, além de suas raízes tradicionais de música coreana. O Kpop virou um fenômeno global, conhecido por suas danças perfeitamente coreografadas, um ritmo alegre, alta qualidade de produção, roupas extravagantes, chamando atenção pelo fato de os cantores pintarem seus cabelos com diversas cores, , estourando recordes, arrebatando milhões de fãs de diferentes países. O Kpop é marcado por grandes grupos como BTS, Blackpink, Big Bang, PSY, Twice, Got7, Exo e outros grandes nomes da indústria da música.

Coreia do Sul é um país cuja cultura é muito fechada, isto é, não entra muita influência do mundo exterior. Seu povo é criado para seguir os "padrões" e estereótipos impostos pela sociedade, pois, para se encaixar, tem que ser magro, branco, olhos grandes, nariz fino arrebitado, usar determinado estilo de roupa, etc. Diante desse cenário, fica a dúvida: o que há por traz dessa brilhante indústria da música nessa sociedade padronizada? Racismo? Preconceito?



Foto do grupo de Kpop BP Rania. Fonte: <https://bit.ly/350MHbA>

Para quem não sabe, o universo do Kpop conta com *girlgroup*, *boygroup* e *rappers* e contém tanto artistas de carreira em grupo e/ou solo. Muitas vezes, eles usam uma estética que remete à negritude, por exemplo, o uso de tranças e dreads. Na tentativa de manter essa estética, eles assumem uma postura de "agir como um negro", ou seja, em M/V(clipe) agem como "gangsters", "traficantes", "bandidos", reforçando uma cultura preconceituosa e racista contra os negros (lembrando que não são todos os grupos ou rappers). Além disso, dificilmente são os *Idols* (nome dado a famosos da indústria musical na Coreia) que escolhem o próprio visual para realizar performances. Podemos perceber que há racismo, pois a sociedade Coreana tem uma idealização de como uma pessoa negra devem agir ou falar.

Na Coreia do Sul, a beleza é algo levado muito a sério; a pele clara é vista historicamente como sinal de

nobreza, pois a pele bronzeada era associada ao trabalho braçal no campo. Quebrando todos esses "padrões", pela primeira vez na história do Kpop, temos a cantora Alexia. Ela é Americana e debutou em 2015, no grupo BP Rania, grupo no qual era composto por Alexia e mais 5 mulheres Coreanas. Ela era muito querida pelos fãs internacionais, no entanto, os fãs coreanos não a aceitaram, eram muito críticos e desrespeitosos. Esse desrespeito ficava claro quando Alexia aparecia em programas de televisão na Coreia: como ela não sabia falar coreano, as outras integrantes do grupo a ajudavam e, quando ela já estava familiarizada com a língua e falava bem, as fãs falavam que ela tinha decorado e que não deveria fazer parte do grupo sem saber a língua pátria. Em M/V, Alexia aparecia só na sua parte da música. Nas coreografias, ela só dançava quando era sua vez de cantar, enquanto que as outras integrantes dançavam e cantavam durante toda a música. A empresa do grupo, entretanto, não fez nada a respeito. Alexia sofreu racismo e preconceito. Então, Alexia foi às redes sociais e se pronunciou: "Se houver alguma coisa que aprendi sobre racismo é tentar ensinar em vez de se machucar e zangar. Antes, eu não tinha nenhum indicador sobre o que o mundo sabia e não sabia sobre o certo e o errado quando se tratava de questões de raça ou apropriação cultural. Qualquer racismo costumava me deixar triste e depois hostil. Agora não consigo me enojar com a ignorância. Às vezes, as pessoas simplesmente não sabem". Em 19 de agosto de 2017, foi anunciada sua saída da DC Music (empresa responsável pelo grupo), dita por meio de uma nota no Facebook da empresa: "Recentemente, tem havido uma série de comentários envolvendo racismo, boicote, petições e muitas outras coisas em nossas redes sociais oficiais. Soubemos que os fãs estão preocupados. Por causa disso, todos da equipe e as artistas chegaram ao acordo de que Alexia não é mais uma integrante do BP Rania. Tivemos algumas conversas e encontros e concordamos em promover com cinco integrantes. Essa decisão não tem nada a ver com rumores de racismo" (Fonte: revistakoreain.com.) A empresa não tinha informado Alexia até ela ler a nota. O fato gerou uma saída bastante conturbada. Isso aconteceu em 2017. Após sua saída do grupo, Alex foi ao Twitter e se pronunciou: "As pessoas pensam que podem te forçar, te manipular, te violar e então te jogar no lixo e sair andando. Elas estão muito erradas". Após a sua saída do grupo, Alexia voltou para os USA e segue carreira solo na América e possui um canal no YouTube.

A indústria sempre teve estrangeiros como Alexia no Kpop, mas a diferença é que eles são brancos, e Alexia, negra. Criticavam-na e humilhavam-na por ela não saber falar coreano, por ela não ter uma pele tão clara e lisa quanto as outras integrantes do grupo, por ter o cabelo "diferente" das demais. Foi uma grande repercussão no Brasil após a nota informando a saída de Alexia do grupo, fãs alegaram que a empresa não deveria ter tirado-a do grupo por conta das fãs coreanas não gostarem de Alexia. No Brasil, não há grupos de Kpop, mas há várias fãs que fazem Covers de seus grupos favoritos.

#EDIÇÃO ESPECIAL

#nota dos editores

Esta foi a segunda edição do jornal digital produzido pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Politécnico da UFSM, trazendo uma proposta diferente!

Após os trágicos eventos do assassinato de George Floyd nos Estados Unidos, uma onda de protestos tomou o mundo. A morte desse homem negro foi uma mensagem e um símbolo de quanto o racismo ainda persiste.

Por mais que o caso de George Floyd não tenha acontecido no Brasil, podem-se citar muitas tragédias similares em nosso país. Pessoas que sofreram com um sistema racista e muitas vezes perderam suas vidas.

Nessa edição especial do Jornal Polinizar, a intenção foi debater, refletir e conscientizar sobre formas de combate ao racismo, por meio de muitos textos diferentes.

Na 2ª edição do Jornal Polinizar você encontrou sobre o racismo nas escolas, na sociedade e até na música. E também recomendações de como dar um fim a esse racismo, destacando escritores negros, expressões na linguagem, artistas e muito mais.

Esperamos que essa iniciativa possa fazer a diferença e que possamos polinizar respeito e amor.



#DISCRIMINAÇÃO

#polinize CARTOON

Por Maria Eduarda Reis



Não é meu cabelo que é ruim e sim o seu racismo!!!

POLINIZAR



Entre em contato!



Nosso canal no Youtube:
[/jornalpolinizar](https://www.youtube.com/jornalpolinizar)



Email do Polinizar:
jornalpolinizar@gmail.com



Instagram:
[@polinizar_](https://www.instagram.com/polinizar_)



Layout e Design por Bibiana Vogel,
Guilherme Brizzi e Heloísa Zanon